

O Jornal das Senhoras – Tomo II – 03 de outubro de 1852 - Edição 40

Link: https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/700096/per700096_1852_00040.pdf

TOMO II – DOMINGO 03 DE OUTUBRO DE 1852.

O JORNAL DAS SENHORAS

Modas, Litteratura, Bellas-Artes, Theatros e Critica.

O programa e condições deste jornal encontram-se na ultima pagina.

MODAS.

Ora, querida leitora, nem de proposito podíamos ter uma estampa que mais viesse completar os nossos desejos. Ainda ha pouco promettia-vos eu, que para o anno que vem dar-vos-hia figurinos de costumes, ou vestuarios de criança, persuadida de que só para esse tempo elles cá chegarião, segundo as ordens da Redactora em chefe; mas, quando menos esperava, eil-os que chegarão de Paris modernissimos e lindissimos, a mais recente publicação de figurinos que se pode receber no Rio de Janeiro. Cada vez mais me convenço que a Divina Providencia tomou sob a sua protecção a firme resolução e as leaes intenções do *Jornal das Senhoras*.....

Uma respeitavel pessoa, por muitos motivos venerada, neste momento pede-me que eu vá escrevendo as seguintes duas linhas ditadas por ella.

«.....E como não será assim, se as emanações da mesma Divindadé adejão em torno delle?»

Não preciso dizer desta vez o que representa a nova estampa. O coração bem formado de cada uma das nossas assignantes o adivinharão a simples passar os olhos sobre os nossos figurinos hoje.

Mãi! oh! como é doce e sacrosanto este nome! Que eloquente sublimidade em si elle encerra!

A minha mãe é tão boa, educou-me com tanta devoção, ensinou-me, guiou-me tão bem pelas veredas do mundo, que a minha querida leitora por certo relevará, que lhe dirija este pequeno cortejo. Não é assim? Oh, sem duvida: ou sois mãe extremosa ou filha querida, e em qualquer das posições acompanhar-me-heis com os mesmos sentimentos.

Não haverá mãe, que ao ver esse interessante grupo, não sinta, desde o fundo de seu coração, uma alegria toda maternal assomar-se-lhe até seus lábios para desprender-se delles em risonhas contemplações, em mínuciosas observações deste e daquelle enfeite das criancinhas, e sobre um vivo interesse enlevar-se, como se ella propria ali estivesse em passeio com dois filhinhos seus.

E a menina e o menino, com são tão lindos! Que semelhança de feições com as da sua graciosa mãe! Como vão desabrochando feiticeiros esses bellos botões da humanidade.

A esta hora sua desvelada mãe já lhes está apontando a estrada da honra e da virtude;

40

- 106 -

com as palavras doces e penetrantes, com essas palavras angelicas que se aprofundão no coração para nunca mais de lá sahirem, ella ensina ao filhinho a respeitar as mulheres como sua mãe, porque todas ellas são dignas do respeito e das atenções dos homens, a quem tambem elle deve amar, reverenciando a velhice sobretudo. E á filhinha ella ensina a elevar, seu coração e sentimentos todos, á candura e nobreza das suas acções, e a respeitar os homens, *não como inimigos*, mas como um sexo differente que tem direito a merecer estima e veneração, segundo forem as suas virtudes. Sem duvida que esta mãe será digna das benções do Céu: porque, providente e solícita, ella unge esses innocentes corações com as verdadeiras palavras que servirão de base capital para a futura felicidade de ambos.

Mais que depressa vou descrever a estampa, antes que me chameis de *macista*.

DESCRIÇÃO DA ESTAMPA.

Mãe e filhos de passeio. A mãe traça um encantador vestido de Barege azul claro enfeitado, de sete folhos com fitas passadas fingindo barras em disposição—a fita empregada é da mesma do cinto—corpo franzido, e de transpasse, com um revêso, ou rebuço, formado das mesmas fitas passadas, e guarnecido em todo o talho por uma gola de renda *maline*—margas progressivas de quatro folhos, tambem enfeitadas no mesmo gosto, com submangas de filó acompanhado de renda—um laço de fita imperial, branca com pintas cor de rosa, de grandes pontas volantes está fixado sobre o lado esquerdo da cintura, onde principia o transpasse—Lindissimo e gracioso é o chapéo á Maria Stuart. De filó e renda, elle tem por adorno mais outra

renda larga que finge um meio véo por sobre a volta da aba, e cahe um pouco sobre a testa; do lado esquerdo da cópa desce uma pluma, cuja ponta se volta com toda a galanteria para dentro a ába e quasi que vai beijar a face da elegante—um laço de fita branca com pontas volantes dá-lhe o ultimo realce da sua belleza.

A menina tem seis para oito aunos—Traja vestido curto de caça branca com seis folhos estreitos de preguinhas—corpinho franzido; mangas curtas e justas com laços de fita cor de rosa; fita da mesma côr, porém mais larga, com pontas volantes na cintura; braceletes de veludo—cabello em um só fio repartido, da testa á nuca, formado em tranças encaracoladas de cada lado da cabeça—botinas cor de rosa.

O menino tem quatro para cinco annos—chapéo de palha á *Rober des Bois* enfeitado com uma pluma de *Coq—Blouse*, de ganga amarella, guarnecida de uma fila de botões de alto a baixo, e conchegada ao corpo por um cinto de vernis preto—collarinho a cardeal; mangas e calças de bordado inglez; meias de listas á meia perna e botinas altas.

Não larga aquella espingardinha e a espada, por cousa nenhuma; vae tão concho na guarda dos queridos objectos que acompanha, que seria capaz de espingardear e cutilar o primeiro imprudente que ousasse offendellos.

1º de Outubro.

Christina.

A MULHER

perante Deus e o mundo.

(Continuação)

Tinha-se fundado o christianismo, a religião da sabia reforma, e devia como boa semente germinar, crescer, desenvolver-se. Em todos os ramos da sociedade pedia-se illustração, e ella era ministrada pelos christãos, porque elles erão os apostolos da humanidade, deixados na terra por Christo, para levarem a bandeira da emancipação ás nações, que estavam surdas aos clamores da sua consciência.

Antes de apparecer Christo, tudo era mentira e traição, e Elle espalhou suas sentenças de philosophica, virtude para riscal-as.

Longo tempo se debateu o chistianismo em convulsão indecisa; por fim a palavra do Evangelho venceu a maldade, e os homens como que despertados de um somno começarão a sentir e a pensar, isto é, quizerão ser homens; e Christo que havia apresentado Sua Mãe como o

typo das mulheres, para quem Elle tivera sempre o amor de um santo Filho, queria que a *mulher* fosse tida e avaliada na humanidade como um ente privilegiado.

Não analisemos, porque seria repetir verdades que ninguém nega, mas perguntemos a todos os homens que pensão:

Não será a mulher tão predestinada á liberdade do pensamento e da acção, como o homem?

Vós, homens, que lhes roubais a liberdade, confias-lhe vossos filhos para modelal-os pela educação, e não credes que quem póde ser apta para educar, não possa ser livre?

Vós, que lhe dais tanto, não lhe dais alguma cousa do que é vosso?

A mulher não quererá de vós mais do que o comprimento dos vossos deveres, sede virtuosos; a mulher nada vos quer roubar, mas dai-lhe a INSTRUÇÃO, e não a *vaidade*.

Como não é sublime e singular uma mulher cheia de instrucção e da religiosidade que lhe é sempre natural, no exercicio das suas sagradas funcções de esposa e mãe! Ella educa e fórma o homem, o homem apenas cuida depois na continuação daquillo que a mulher organisou; e entretanto os direitos só pertencem aos homens!

Não queremos nada formar de novo, não, não é nossa idéa, apenas compulsamos com o racio-

- 107 -

cinio as nossas crenças religiosas, e argumentamos com os princípios de justiça. Nós vamos muito longe, e sem nos ser difficil veremos que a prepotencia do homem deve no progresso da civilisação ser insupportavel; que está elle n'uma continuada contradicção comsigo mesmo, e que a mulher deve um dia na luz radiante de seu espírito, depois de illustrada, apresentar-se ao mundo tal como lhe cumpre. A mulher do christianismo não póde e não deve ser como a escrava do sensual e ignorante mahometano.

A sabedoria de Jesus- Christo tinha mostrado para que havia sido criada a mulher, a quem se deveria sempre ligar a ideia do amor ; e logo que esse amor fórma a base fundamental do christianismo, claro é que a mulher é o SYMBOLO DO CHRISTIANISMO; entendam-nos: não a mulher tal como tem sido quasi geralmente apresentada, mas aquella que, partilhando a instrucção do homem, fôr uma mulher superior e digna de preencher o lugar que lhe é destinado pela natureza e a religião.

A perversidade dos costumes, a sensualidade e a soberba, é quem tem separado do homem o destino social da mulher; facil porém é de conceber-se que quando a mulher fôr inteira

companheira dos direitos do homem, poderá a sociedade dizer-se illustrada, porque se é a mãe sábia que constitue o homem util aos homens, todos os homens pois devem á mulher, sem a qual não seria possível a educação.

Ha uma linguagem que só as mães podem falar, uma linguagem que é, por assim dizer, o iman que se deposita na alma do menino, para que possa ser posto em movimento pelas potencias ou relações externas; este iman é o conhecimento de si proprio, e por consequencia o principio da faculdade de raciocinar, sem raciocinio homem nenhum se diria homem, assim, logo que é elle preciso, logo que é a mulher aquella que lho dá em partilha, segue-se que é a mulher a unica, a verdadeira motora da humanidade.

XII

A humanidade tem pois na mulher, o symbolo do seu progresso. Mas a mulher nasce apenas destinada para o seu fim, e não formada ; se os homens lhe negarem os meios para a sua illustração, negão o que ha de mais necessario á sua existencia, e a sociedade sera destruida pela corrupção, porque a mulher, não sabendo desempenhar os seus deveres, deixa apenas homens meio formados, ou nada aptos a se conhecerem, e então de tudo escarnecerão elles, escarnecendo de si proprios.

A verdade mais incontestavel é, que a mulher é como o homem, apta para os trabalhos da intelligencia, e seria absurdo suppôr o contrario, quando a delicada sensibilidade que ellas juntão ao seu espirito as torna por muitos titulos superiores ao homem, por isso que tem mais clara concepção. O homem é preciso acostumar-se para comprehender, a mulher só basta sentir.

Continua.

BAILE DO CASSINO MEDICO.

Esta noite ha baile; vais? —Onde é? —No pavilhão do Paraíso.

Eis o assumpto de todos os cavalheiros e damas; e foi o thema de todas as conversações da melhor sociedade do Rio de Janeiro. Estas palavras magneticas correrão das Larangeiras ao Cattete, a S. Christovão, cruzarão toda a cidade, e vierão exercer toda a sua influencia na rua das dilettanti e janotas, das floristas e das modas, queremos dizer a rua do Ouvidor; ahi e que vigorão as modas em todo seu poder, pondo tudo em movimento, em esperanças, em exitação e desejo.

Chega o dia 23; a noite estava alegre e encantadora; o Céu, que em a noite antecedente estivera ennuviado e triste, apresentou um aspecto arrebatador; a lua estava bella. Esta lua americana que tantas vezes nos tem deito desejar ouvir um canto de Byron, esta lua que nos magnetisa e fascina pela poesia desta nossa terra, de nossos bosques, de nossas montanhas, deste mar, deste todo pittoresco e grandioso.... Vamos pois ao Cassino Medico.

O' baile! quem foi teu inventor? Esta pergunta perde-se na obscuridade dos tempos. Certamente seu autor descança na mansão da Gloria que só Deus concede aos justos.

Como é agradável um baile! que dilicias que elle tem! Como pois tinha imaginado, ardendo em luzes, como eu gosto, recendendo aromas embriagadores, apinhado de gente, animadissimo estive o baile dado pela briosa corporação dos filhos de Hypocrates. A sala do formoso pavilhão do Paraíso estava adornada de muitas das nossas bellas; e servindo-nos de uma expressão do Sr. Carret, diremos—que havião ali mais de uns olhos capazes de inspirar poetas! Distinctas notabilidades, tanto no paiz como estrangeiras, formavão o grupo dos cavalheiros.

Extasiou-nos a vista de tantas bellezas entusiasticas que por todos os lados do salão viamos circundar. Na realidade, quanto é agradável ao espirito e ao coração ver reunidas em florido jardim todas as flores mais bellas que desabrochão na candida frescura da primavera da vida! Que poesia não tem estes sorrisos, estas fallas doces que matão, estes olhos, como os que vimos do lado esquerdo do salão, de uma das nossas mais risonhas physionomias fluminenses, que trajava um bem acabado vestido azul e penteado de flores escarlates, olhos, capazes de fazerem uma revolução na mente.... que perfumes! oh! como é doce um baile.

Nestes desvaneios nos iamos, quando attendemos ser mister reparar para o bom gosto dos *toilettes*. Os vestidos de seda côr de rosa e adamascados, e os azues, forão os que mais apparecerão; poucos vestidos brancos houverão; estes vestidos tão expressivos, e que eu gosto tanto de vel-os sobre o corpo virginal destas flores ainda despontando na vida e entrando no

- 108 -

mundo por essas portas illuminadas, por esse caminho cheio de festas, ao som de harmonias encantadoras, não os vi lá!

Havião muitos *toilettes* elegantes como é de uso apparecer sempre que ha muita gente. Dançou-se muito e muitas moças encontrárão defeitos nos vestidos umas das outras; rirão-se bem e suspirarão bastante, e mais de uma bella entreteve conversações cheias de mysterios! Fizerão bem!...

A senhora que esteve mais bem vestida nesta noite, trajava um vestido de seda adamascada azul com grinaldas brancas de pennas; era a simplicidade com todo o seu poder! O vestido mais bem feito era de setim côr de canna; a elegante não é desta côrte, e já no baile imperial foi mui admirada. Não menos foi o de outra senhora casada com um dos representantes do norte que acabou de administrar uma provincia juridica. Uma de vestido côr de rosa foi muito festejada; e ao nosso lado vimos uns olhos de uma travessura tal, que não deixava estar quieta a maior parte da gente: erão semelhantes ao sorriso mofador de outra lindissima moça que passeou um pouco pelo nosso braço, e que perfeitamente vestida de azul attrahia, como costuma, a geral atenção.

A's duas horas e meia terminou o baile, e louvores sejam dados ao seu digno presidente, um dos mais bellos talentos brasileiros e distincto medico desta côrte.

Parabens á directoria do Cassino Medico.

F....

OS REMORSOS.

Tormentos para mim jámais se acabão
Nem ao menos á borda do sepulchro!
Horrores sempre, e sempre a cada instante!
Mas; não! não me acobardão que sou homem;
Se só destas visões me separassem....
Destas visões que tanto me atormentão!...
É impossível; ellas não me deixão:
Se os olhos fecho, as vejo claramente.
Oh! quem m'as tirará do pensamento....
Quem d'alma m'as arranca, se eu não posso?!...

Fugi de mim, espectro ensanguentado....
Não encosteis em mim sangrentas chagas;
Ellas queimão.... m'abrasão todo o corpo....
Oh! que circl'lo de espectros tão medonhos !
E no centro eu estou!.... quem me soccorre....

Mas que! se multiplicão!! Eis as orphãs,
A quem o pão tirei, que as sustentava,
E á miseria arrastei, mais á vergonha!...

A viuva, que chora com seus filhos...
Que olhar de desprezo elles me lançaõ!
Eil-a.... a donzella tão formosa e casta,
Que eu só prostitui.... me amaldiçôa!...
Aquelle, que eu matei para roubar-lhe....
Que chaga horrenda e sangue mais horrendo!
A vida elle me implora de joelhos...
Que brado de—vingança—me atordôa!...
—Justiça—todos bradão, mais horrivel,
Que o trovão, que o rugido da borrasca!
Inferno! não me apertem, que me estalão....
Despedação-me os ossos.... todo o corpo....
Oh! que novo abysmo esse, que além vejo!
Delle sahem phantasmas!... labaredas!...
Caminhão para mim!... querem tragar-me....
Horror! onde sumir-me? não me cerquem....
Será loucura? ai! não.... eu sinto.... eu vejo....
As dôres eu as sinto; e vejo horrores....
Devo cahir no abysino?... fugir delle....
Mas que! um mar de fogo me circunda
Além dessas visões.... eu desfaleço....
No inferno vivi, que nelle eu morro....
Ai de mim! já não vejo.... é tudo trevas....
E só ouço trovões que além ribombão....
Estas vozes de anathema.... oh! soccorro!...
Já não posso soffrer.... já não sou homem;
Fui demonio na terra—ella é-me inferno.

Philadelpho A. Ferreira Lima.

O PROTECTOR.

Romance contemporaneo.

IV.

(Continuado.)

O amor que deveria unir as criaturas terrestres, animal-as, eleva-as quasi ao throno divino, de quem elle é uma emanação; o amor, graças aos homens máos que tudo têm corrompido, parece muitas vezes uma espécie de guerra. Ha como na guerra suas alternativas de triumpho e de retirada, seu orgulho e suas humilhações, sua tactica, suas surpresas, armadilhas, violencias, e enfim. assim como na guerra, elle custa tambem trabalho, angustias e lagrimas.

Um mez inteiro se passou; um longo mez, durante o qual, para Leopoldo e Alberto, a guerra não os separou do amor; um mez de observações, de marchas e contramarchas. A casa de Celina era de alguma sorte um com terreno para conquistas, mas os dois rivaes não consentião que elle fosse minado. Era uma graça vel-os. O trabalho subterraneo de um destruia o trabalho do outro, e no dia seguinte nenhum dos dois achava-se mais adiantado, que no anterior.

Celina, obrigada a conservar a dextra equilibrando o fiel da balança igual, excedia-se na arte de marombar; não se empenhava totalmente para qualquer dos lados; promettia pouco, não muito; gelava uma esperança em um sorriso; envolvia uma illusão em palavras de ternura; e depois, se por acaso os dois rivais parecião fatigar-se, obrigava-os de proposito ao ardor da luta.



Era diplomacia—ou equilibrio—da mais alta potencia.

Havia também nesta comedia, jogada pelos tres atrás da cortina, ou nesta guerra de emboscada, este facto curioso: a saber que Mr. de Richemont continuava a fingir-se e a guardar-se a si mesmo; porque se tivesse deixado ver o imperio que Celina soubera tomar sobre elle, faria loucuras e se debateria como um menino. Mr. de Richemont pois, habil e traquejado neste tiroteio de avançada, tinha todo um cuidado de se não deixar dominar, retomando nas occasiões de perigo toda a vantagem que lhe dava o seu imenso sangue frio.

Nós não temos mais necessidade de fallar dos crueis soffrimentos de Leopoldo. Elle não dissimulava, acreditava mesmo que lhe bastaria acceder ao voto de celina offerecendo-lhe sua mão, para completamente destruir todas as baterias do seu rival. Mas, como decidir-se? como tomar uma semelhante resolução e incorrer no desagrado do mundo? Bem verdade, Leopoldo era engenhoso para justificar esta determinação, no caso em que terminasse por tomal-a. Elle interiormente diria, que não podia existir em Celina; que depois de tudo, o principal negocio da vida é a felicidade, e que elle procurava não somente essa fortuna, mas ainda seu repouso, sua razão. Movel como uma costa arenosa que os ventos perseguem, umas vezes elle se accusava, outras vezes, por um serie de escapatorias, buscava palliativos à sua conducta. É raro que não nos inclinemos um pouco para a indulgencia quando estamos ainda em nosso proprio juizo.

Uma noite que Celina esteve na opera em companhia de Mr. de Rechimont, determinou Leopoldo a subscrever as condições impostas por Celina. Por que Leopoldo, do fundo de um camarote da 1ª ordem, tinha tudo observado, sem distrahir um instante seus olhos do espectaculo, não da scena, mais do par que o desesperava. Por esta sorte de magnetismo, que faz que se veja quando se está occulto, Celina tinha muito bem visto Mr. de Hautefort; entretanto ella dissimulando nada ter visto, apenas se limitará a dizer ao merquez.

—Attendei; eu serei pedida o mais tardar amanhã por Leopoldo, que me escreverá para offerecer-me seu nome.

Mr. de Rechimont se tinha tornado di trahido, Celina interiormente applaudindo este effeito supoz duas conquistas em vez de uma.

Eu o arrastei tão bem, dizia ella comsigo. Venci sua indiferença, sua sobriedade. Elle está triste, e eu me divirto, primeiro ponto. Agora elle temerá de me ver com seu rival, e.....

—Atenção, diz Alberto, o magnífico *deio* de Raúl e Valentina, que vai começar.

Elle se curvou sobre a varanda do camarote, e pareceu estasiado pelos accentos sublimes de Meyerber.

Mais nem elle, nem Celina, nem Leopoldo, tinham ouvido uma só nota!

No dia seguinte, logo no seu levantar, a mocinha recebeu uma carta assim concebida:

«Eu estava hontem na opera. O inferno não poderia dar uma idéa de meu sofrimento, de
«minhas torturas. Não posso mais resistir. Tornai-vos minha mulher e amai um pouco ao
«desventurado.

«LEOPOLDO DE HAUTEFORT.»

Celina bateu palmas de prazer. Estava victoriosa..

Quasi no mesmo instante, vierão annunciar-lhe que o marquez tinha chegado, e esperava. A *mocinha* estremeceu; porque ella tanto tinha feito para subjugar Mr. de Richemont, que terminára por cahir em seus proprios laços. Pelo rigor ella poderia amar Leopoldo, e admirar Alberto. O primeiro a interessava, e o segundo a dominava.

Que se passou entre Celina e o marquez? A conversação foi grande, animada e decisiva. A carta seguinte, dirigida immediatamente a Leopoldo esclarecerá este mysterio.

«Meu amigo.

«Como vos testemunhar meu reconhecimento? Acabais de fazer-me a maior honra que
«se podia dedicar á uma mulher; vós que sois tão distincto, vós que, por vosso nascimento,
«vossa educação, vossas qualidades, tendes o direito de aspirar uma sorte mais brilhante, não
«vos desprezastes de unir-vos a mim. Ora, que sou eu aos olhos do mundo? Uma mulher que
«se poderia julgar severamente; minha vida não esteve ao abrigo de toda a fraqueza, entretanto
«a vossa não fez senão começar; e como é cheia de pureza! Eu disse tudo isto lendo e relendo
«vossa carte, e disse muitas outras cousas ainda. É preciso confessal-o, Leopoldo? Eu me tenho
«exprobrado de vós ter levado ao ponto de me fazerdes este offerecimento e este sacrificio;
«porque para vos ha um perigo a temer, ha uma crise terrivel a vencer. Mais de uma vez me
«tendes fallado da violencia de vosso pai.... Eu tremo quando penso, cahirão soem todas as
«tempestades, que por minha causa bre vós! Não, meu amigo, eu devo dar-vos o exemplo de
«abnegação immolando-me á vossa honra; tal é a maior prova d'affeição que podeis receber
«de mim. Não me amareis menos; tenho esperanza, que me presareis mais. Não vos entregareis
«a pesares inuteis. Eu temo tanto as scenas violentas, que tomei a determinação de partir hoje
«mesmo para *les Euax*. Vós comprehendes que eu não posso ir só : por simples obrigação, Mr.,
«o marquez, se incumbiu de acompanhar-me. Adeus, meu caro Leopoldo, meu melhor amigo;
«fikai certo que nunca mais vos esqueceréis.

«CELINA.»

A leitura desta carta, cheia de toda a finura, de todo o requinte de uma mulher que faz cargo de vingar o sexo, e dominar corações, penetrou Leopoldo da mais profunda dor e da mais viva indignação. Elle ficou alguns momentos em uma concentração verdadeira, procurando convencer-se, se tinha bem entendido o que lêra, dando a cada palavra uma interpretação contraria a seu

-110-

sentido, mais obrigado bem depressa a confessar a si mesmo a verdade. Evidentemente um outro tinha sabido captivar Celina; um outro o tinha excedido; e este rival feliz e triumphante, este rival detestado, não podia ser senão Mr. de Richemont!

Caminhar em procura de dois amigos devotados, affrontar o rigor da lei sobre o duello, depois entrar em um carro com elles, e ir ter á casa do marquez, taes forão immediatamente os cuidados de Leopoldo.

O marquez estava em casa. Elle deu ordem para introduzir os visitantes.

—Sr. exclamou impetuosamente Leopoldo, sois vós que....

Um gesto polido, porém firme, de Mr. de Richemont cortou repentinamente a indiscrição que ia escapar dos labios de Leopoldo. Ao mesmo tempo, Alberto se exprimiu assim:

Nada de barulho; meu caro senhor, eu vos supplico; as exprobrações, as invectivas, não se fizerão para a gente bem educada. Credes ter queixas de mim. Eu creio, pelo contrario, que nada tens senão que agradecer-me.

—Sr. esta ironia é um ultrage de mais!

—Não tentarei fazer-me melhor comprehender; isto seria longo. Além de que não tendes a calma necessaria para uma explicação.

—Eu não a quero, diz Leopoldo. Offendido, tahido por vossa causa, não quero senão um combate.

—E' muito justo; eu previ este devotamento. Tambem não sahi de casa por esta razão. Regulai as condições.

—Amanhã! diz o marquez; não eu prefiro hoje mesmo, e immediatamnete.

—Na verdade! exclamou Leopoldo pasmado deste sangue frio; de boa vontade. Não terei o desagrado de esperar.

—Foi o que pensei; diz por sua vez Alberto. Eu tenho de mão minhas testemunhas. Partamos. Tendes escapadas?

—Não.

—Se consentís, levarei as minhas.

—Seja.

Uma hora depois desta entrevista, os dois combatentes se collocavão em frente um do outro em uma avenida apartada. Leopoldo suffocado pela raiva, aturdido pela colera, não se cubria e não procurava senão ferir. Seu adversario, infinitamente mais calmo e tambem mais exercitado, se contentada de defender-se dizendo ao mesmo tempo.

—Tomai tento, Sr. vós não vos defendeis.

E Leopoldo, desesperado, continuava um jogo que sem cessar expunha seu peito.

Era preciso terminar. O marquez avançou por sua vez, e seu olho procurou o logar que elle queria ferir, sem perigo todavia da existencia de Leopoldo.

Leopoldo cahiu murmurando:

—Todas as desgraças ao mesmo tempo!.....

O marquez ajudou as testemunhas a levantar-o, a fazer-lhe ligeiro curativo; depois fel-o conduzir para uma casa de saude da visinhança.

Depois de ter examinado a ferida, o doutor disse a Leopoldo:

—Isto não será nada. Somente será preciso muito calma e repouso. No fim de quinze dias o doente estará restabelecido.

—Quinze dias? diz o maquez. Bem; é justamente o tempo de que tenho necessidade.

Elle se afastou, depois de haver multiplicado aas suas recommendações ao dono da casa de saude.

Continua.

CHRONICA DA QUINZENA.

Bellas, animadas e interessantes, deslizarão-se as duas ultimas semanas do mez de setembro. Os bailes, as festas religiosas, os festins por toda a parte succederão-se uns após outros; e o que mais é, nenhum esmoreceu por falta de concorrência: o mundo elegante fulgurou em todos. O furor de rir, brincar e dançar, requinta, ao passo que se nos vem approximando o verão. Dir-se-hia que são as nossas despedidas á primavera deste anno; mas eu não creio em tal, porque em o nosso paiz não se guardão domingos, quanto mais estações. Não obstante, nutro minhas esperanças de que algum dia estas e outras muitas cousas hão de passar do absurdo ao seu verdadeiro equilibrio; e é por isso que desde já vou carregando a minha pedrinha para o futuro edificio social, sem jámais attender (Deus

me livre e guarde) ao funestissimo exemplo do—*que bem se me dá*.

A respeito de bailes, nestes quinze duas, tivemos nada menos os seguintes—O Cassino, o sempre magico e esplendido Cassino, que já não ha novas expressões com que se possa descrever suas brilhantes e arrebatadoras reuniões—O baile dos Militares, com seus uniformes, com a sua simplicidade elegante, com o seu fulgor propriamente militar. —O Campestre, risonho e animado, por entre lindos grupos de lindos meninos brincões, e puladores. —A Sylphide, baile perfeitamente bem dirigido, e que desta vez fez as delicias dos seus imensos convidados. —O Cassino Medico, que estreou pela primeira vez com feliz successo e coroado dos melhores applausos. —A Phil'Euterpe, tão suave e harmoniosa até ás onze horas da noite, quanto enthusiasmada, viva e fascinadora da meia noite para o dia. Desta vez lá esteve Mme. Soltz, e ao retirar-se diversas senhoras a mimosearão com um bonito e delicado ramo de flores de pennas. —Tambem deu o seu baile a Eleusina Nitheroyense, aprazivel e frequentada, no seio da encantadora Nitheroy, florescendo a par da sua brilhante irmã. —Harmonia—com igual vida e animação. —O baile de Beneficencia Franceza, com os seus mil convidados, revelando em tudo o apurado gosto parisiense, que tão bem sabe fazer valer as menores cousas com graça e elegancia, esteve animadissimo e bem dirigido. É uma realidade! que nestes e outros bailes, que vem de anno a anno, ha sempre uma novidade de muito apreço, e de que eu gosto muito, que vem a ser: as carinhas novas, bellas e sedutoras, que apparecem para nos fazer lembrar a omnipotencia do Senhor na distribuição de suas graças.

Gostei muito deste baile; e como sou devotada a todas as instituições de caridade, fico pedindo a Deus que a sociedade de Beneficencia Franceza prospere e prossiga no honroso caminho que ha trilhado.

A pomposa festa da Cruz dos Militares teve logar no dia 21 com todo o esplendor da nossa igreja.

Nossa Senhora do Soccorro foi festejada domingo passado na igreginha de S. Christovão com a costumada concorrencia por mar e por terra, e fogo de artifício no fim. Consta-me que este anno, por causa do chrisma, a concorrencia duplicou desde a primeira novena; e não me admira que nesta occasião, em um templo tão pequeno, houvessem apertos, beliscões, suffocações, soccos, e até.... ora, o que é lá um bofetãozinho dado por mão de aneis, e em occasião de apertos? Tomarão muitos namorados babões receber, por premio de suas *refunfunancias* amatorias, ainda que seja um bofetãozinho... trás! Que estalinho tão sonoro.... Assim, yáyá. Não dóe nem nada!

Muito padece quem ama! E muito mais uma moça que se vê entallada, quasi asphixiada, prestes a ter o seu ataque de nervos, as crianças a chorarem... misericórdia, meu Deus, e sem o povo lhe abrir caminho!

Credo! que terriveis apuros!

Fecharei este artigo fazendo-vos presente de uma importante (!) peça de litteratura amorosa, com que nos mimoseou uma das nossas assignantes; trazia por fóra o titulo : — «*Bilhete de amores recebido de certo gamenho tolo de patente.*» «Illma. Sra. Como me persuado, que é cousa muito agradável, e até jucunda e mesmo sumptuoso, quero dizer, indifferente, aos amantes declararem seus amores; é eu como tal independente de amores gratifico. Sendo amado porêem é melhor cahir em graça, do que ser engraçado, portanto como é possivel por meio desta, e igualmente quando não mereça alguma attenção ficará em desconto do que acima tenho declarado; porque o hymineo tem suas regras; e dando-lhe a mão de esposo, tenho preenchido as maximas das doutrinas dos melhores politicos, e dos autores modernos como Alexandre Dumas, que tratão da vontade do Sr. seu pai, que a cuja já se não faz precisa á vista do codigo; e nada direi da sua belleza que me traz o coração delapidado, e sensitivo, que nem a morte esquecerá, sendo certo, que a parca denegrida já treme de inveja pelo Deus Cupido, que nos prende. Mande a resposta pelo mesmo, que é capaz, de nos braços da ternura seremos immortaes para sempre, etc.»

Pobre rapaz, não está no seu elemento. Se não fôr melhor em *verso*, pela prosa perde o seu tempo.

Sou sempre vossa amiga do peito.

1º de outubro.

Bellona.

- 112 -

Exma. Sra., dignaivos consentir sobre o vosso Jornal uma lagrima de dor nascida de um coração amigo e sincero: é sobre as paginas do *Jornal das Senhoras* que derramo o meu pranto: acolhei-o, senhora, que é verdadeiro. O Céu abençoe vossa honrosa tarefa.

A' SENTIDA MORTE DA ILLMA. SRA. D. CLARA GAILARD COSTA FREIRE,
MULHER DO ILLM. SR. DR. JOAQUIM A.H. DA COSTA FREIRE.

Pleurez modérément celui que

vous avez perdu, car il en paix.

Quasi sempre só se apresentam as boas qualidades e as virtudes de quem é assaz conhecido no mundo, deixando-se muitas vezes de tributar homenagem a quem pouco apparece e vive no gremio de sua familia, junto dos que lhes são mais caros; é porêem do rigoroso dever da amizade conduzir desse gremio para o dominio da sociedade os factos que lhe paixão desaperebidos.

A mocidade e a robustez em luta com as consequencias de um máo parto, a febre, e finalmente a cruenta morte, tudo realisou-se em seis dias!...Fatalidade! Já não existe a Illma. Sra. D. Clara Gailhard, esposa do Illmo. Sr. Dr. Costa Freire, juiz municipal da villa de Iguassú. Joven, apenas com 23 annos e mãe de dois innocentes filhos, desapareceu para sempre, e tão depressa como o botão que nasce, abre, e logo desfolha! Já não existe a virtuosa esposa, a virtuosa mãe, a obediente filha, e a sincera amiga! ó Deus, fraca christã como sou, ainda affeiçãoada a terra, permitti que chore a perda de quem sem duvida estará gozando o premio de suas altas virtudes.

A Illma. sra. D. Clara Gailhard, casou-se muito joven com o Sr. Costa Freire, por mutua sympathia, e approvação geral de todos os seus parentes, e teve no terceiro dia do seu consorcio de partir para a villa de Macahé, onde seu esposo era juiz municipal; não obstante ser ella criada na côrte, resignou-se de boa vontade, e sem fazer a menor reflexão, deixou sua familia e o esplendor da sociedade, para ir viver quasi que em um ermo... Depois de muitos mezes de estada ahi, foi ainda necessario mudar-se para outra villa, ainda mais distante, a do Jaguarão, na provincia do Rio Grande do Sul; nesta villa demorou-se mais de anno, sem ir a divertimento algum, sem sahir de casa, para não arriscar a vida do juiz recto, que tinha logo que ahi chegara perseguido a todos os malfeitores....

Finalmente partiu para a villa de Iguassú, de onde veio á côrte para passar alguns dias com a sua saudosa familia, ou, para melhor dizer, despedir-se eternamente....

Aqui esteve em casa da sua carinhosa, tia a Illma. Sra. D. Joanna Costa, que teve a infelicidade de ver todos os seus desvellos frustrados.

Nesta vida pouco propria a uma Sra., a virtuosa esposa jámais se queixara; conformando-se com a sua sorte, vivia sempre satisfeita junto do seu esposo e filhos, sem a menor exigencia; tendo de mais a mais a grande modestia de dizer por muitas vezes, que ella não merecia tão bom marido!... O' virtude!... O' infeliz marido! Eu lastimo a tua grande perda!

Sei que melhor do que ninguem conheces o que perdeste, porêem consente que una minha fraca voz á tua, para dizermos que—a humanidade e o interesse permite-nos afflingir, por não

a vermos mais; porêm a santidade de sua vida e a religião nos consola, por estarmos certos de que o Deus Justiceiro, a chamou para sua Santa Gloria.

A terra lhe seja leve.

Acompanhamos o profundo sentimento de toda essa excellente familia, a quem de perto conhecemos; e contristada lamentamos a perda fatal da Illma. Sra. D. Clara Gailhard.

Da Redacção.

Com este numero vai a estampa com um figurino de senhora e dois de meninos.

JORNAL DAS SENHORAS

PUBLICA-SE TODOS OS DOMINGOS; com lindos figurinos dos de melhor tom em Paris, e no ultimo Domingo de cada mez uma peça de musica.

SUBSCREVE-SE para este Jornal nas casas dos Srs. WALLERSTEIN e COMP. n. 70, A. e F. DESMARAIS n. 86, MONGIE n. 87, rua do Ouvidor; e na Typographia DE SANTOS E SILVA JUNIOR, rua da Carioca, n. 32.

TODA A CORRESPONDENCIA é dirigida em carta fechada á Redactora em chefe a qualquer das casas mencionadas.

PREÇO DA Assignatura: Por seis mezes 6U000 rs. na Côrte, 7U000 rs. para as Provincias.

Os semestres contão-se em Janeiro, e Julho, e pagão-se adiantados.

Rio de Janeiro. —Typographia Santos & Silva Junior, rua da Carioca n. 32.